

Manual do professor digital

Ficha da obra

Obra: *Martin e Rosa – Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela igualdade*

Autora: Raphaële Frier

Ilustrador: Zaü

Tradutor: André Telles

Número de páginas: 48

Categoria: 5

Segmento: 4º ao 5º ano do Ensino Fundamental I

Tema: Encontros com a diferença

Gênero: memória, diário, biografia

Biografia da autora

Raphaële Frier nasceu na cidade de Lyon, na França, em 1970, mas passou a infância em Bordeaux e a adolescência nas cercanias de Paris. Foi lá que estudou psicologia, pedagogia e trabalhou como professora. Posteriormente mudou-se para Marselha, onde leciona no ensino fundamental. Já publicou dezenas de livros para crianças e adolescentes, alguns dos quais traduzidos para o português. Segundo Raphaële, o desejo de ler, transmitir histórias, palavras e imagens é o centro de seu cotidiano. Para ela, os livros são mundos totalmente novos (e sempre cheios de promessas!) que se abrem.

Biografia do ilustrador

Zaü, cujo nome real é André Langevin, nasceu em Rennes, na França, em 1943. Estudou artes gráficas na École Estienne em Paris e desde muito jovem começou a trabalhar em editoras de livros. Desenvolveu também ilustrações para o jornalismo e a publicidade, mas logo se destacou desenhando para crianças. Já ilustrou mais de cem livros infantojuvenis. Atento às diferenças e ao respeito à diversidade, tira sua inspiração de suas muitas viagens.

Sobre o livro *Martin e Rosa* e o gênero literário de memórias e biografia

Biografias e memórias elucidando a História

O que é individual, exclusivamente do sujeito, e o que é universal e, conseqüentemente, parte da História? Limites difíceis de vislumbrar e que afloram na literatura quando nos deparamos com narrativas em que memória, biografia e História se interpenetram.

É o caso de *Martin e Rosa*, que conta uma das histórias mais revolucionárias do século XX: a história da luta pelos direitos civis e pela igualdade entre as pessoas, de todas as raças e cores nos Estados Unidos, na década de 1950. E o faz de modo extremamente sensível e próximo dos leitores da faixa etária a que, em princípio, é destinado. Dessa forma, as crianças podem não apenas conhecer a vida e a luta de personagens históricos como Martin Luther King e Rosa Parks, mas *sentir* que a narrativa é capaz de transformá-las mesmo estando em cotidianos e territórios absolutamente diversos. É esse *poder transformador* a principal característica das narrativas que trazem consigo o chamado “teor de verdade”, como formulou o filósofo alemão Theodor W. Adorno: a essência, na forma estrutural da narrativa, daquilo que é mais histórico e mais artístico e que, quando juntos, em composição, são capazes de provocar profundas mudanças. O crítico literário brasileiro Antonio Candido também parte de princípios análogos. Para ele, conforme nos explica em “Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento)”, em uma obra artística precisam funcionar, em equilíbrio, o entendimento do que é *externo* a ela e do que é *interno* a ela; ajustados, ambos nos trarão respostas não só sobre a obra em questão, mas também sobre o próprio tempo em que vivemos.

As trajetórias de Rosa Parks e Martin Luther King, que parecem carregar algo de ficcional ou de fantástico são, na realidade, relatos

históricos impressionantes sobre a luta que cada um empreendeu para acabar com as opressões de sua época, agindo sempre pelo caminho pacífico da não violência.

É assim, misturando História, registros biográficos e memórias, que conseguimos tecer uma narrativa potente, verdadeira, capaz de iluminar nossos próprios desajustes e opressões, e ao mesmo tempo nos oferecer ferramentas para exterminá-los.

Sugestões de trabalho em sala de aula com a obra literária *Martin e Rosa: momentos pré-leitura e pós-leitura.*

Antes da leitura

1.

O professor pode apresentar o livro para a classe mostrando a capa e destacando o título completo (*Martin e Rosa: Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela igualdade*), para, em seguida, questionar os alunos: alguém já ouviu falar de Martin Luther King ou Rosa Parks? Sabem onde nasceram, quando nasceram? Por qual igualdade, exatamente, se uniram? Qual foi a sua luta? A partir dessas perguntas, pode aprofundar um pouco mais a conversa, contando que o livro fala sobre a vida de dois ativistas negros norte-americanos que lutaram na segunda metade do século XX contra a segregação racial nos Estados Unidos. O professor pode, inclusive, separar alguns trechos do aparato textual que se segue à narrativa e a contextualiza historicamente. É importante pontuar a maneira como era empreendida a luta de ambos (a “força calma” de Rosa Parks e a não violência pregada por Martin Luther King) e as grandes injustiças cometidas contra pessoas negras em uma época tão próxima à nossa. Como o livro nos relembra, em 1955, no Sul dos Estados Unidos, os ônibus ainda separavam pessoas negras de pessoas brancas; inscrições como “*White only*” (“somente brancos”) e “*Colored people*” (“pessoas de cor”) podiam ser vistas em espaços de convivência da cidade. Havia restaurantes, escolas, banheiros públicos e bebedouros feitos somente para uso de pessoas brancas. Vocês já pensaram na dimensão dessa violência?, pode-se questionar. Vamos ver como eles lutaram contra tamanha opressão – e começa-se a leitura, feita pelo professor ou dividida entre as crianças da turma.

O professor pode pedir que os alunos pensem, durante a leitura do livro, se a situação de pessoas negras no Brasil é diferente daquela vivenciada por Martin, Rosa e seus contemporâneos.

Alguns livros e referências cinematográficas podem, em conjunto com *Martin e Rosa*, ampliar o repertório de professores e alunos sobre a cultura, a luta e a consciência negras. Entre os livros (agrupados por assunto, não por faixa etária): *O ônibus de Rosa* (Fabrizio Silei e Maurizio Quarello, Edições SM, 2011); *A autobiografia de Martin Luther King* (Clayborne Carson [org.], Zahar, 2014); *Mandela, o africano de todas as cores* (Alain Serres e Zaü, Zahar, 2013); *Contos africanos dos países de língua portuguesa* (Rita Chaves [org.], Ática, 2009); *Os da minha rua* (Ondjaki, Língua Geral, 2007); *Lima Barreto: triste visionário* (Lilia Moritz Schwarcz, Companhia das Letras, 2017); *Um defeito de cor* (Ana Maria Gonçalves, Record, 2006); *Na minha pele* (Lázaro Ramos, Objetiva, 2017). E os filmes: *A cor púrpura* (EUA, 1985) *Mississippi em chamas* (EUA, 1988); *Moonlight* (EUA, 2016); *Branco sai, preto fica* (Brasil, 2015).

Depois da leitura

1.

Depois da leitura compartilhada, o professor pode retomar o questionamento: a situação de pessoas negras no Brasil é diferente daquela vivenciada por Martin, Rosa e seus contemporâneos? Pode haver um pequeno tempo para que os alunos exponham suas opiniões. Em seguida, o professor pode mostrar o material de apoio de *Martin e Rosa*, no qual se conta a história dos negros escravizados desde o século XVI, na África, até a abolição em meados do século XIX (ver p.22-27 do livro). Posteriormente, o professor pode dividir a classe em pequenos grupos e propor algumas visitas à biblioteca da escola para a realização de uma pesquisa. Os alunos podem procurar em livros, revistas, jornais e sites de notícias dados sobre a população negra no Brasil.

Quando a pesquisa for finalizada, cada grupo pode apresentá-la para o restante da turma, usando cartolinas com dados estatísticos, recortes de jornais e revistas.

2.

Para aprofundar a reflexão, o professor pode propor um debate: como é ler sobre as injustiças e preconceitos sofridos pelos negros nos Estados Unidos, em um período da História relativamente recente, e compará-los com o que acontece no tempo presente – em especial com o que acontece no Brasil? Como podemos barrar a existência e a insistência do racismo em suas mais diversas manifestações em nossa sociedade? O que as histórias de *Martin e Rosa* nos ensinam para que possamos combater as injustiças, nos posicionando contra a segregação e a opressão? Esta pode ser uma primeira conversa para depois dos primeiros trabalhos realizados com a narrativa. É importante que os alunos consigam se manifestar e, sobretudo, consigam ouvir as opiniões e sugestões dos colegas. Dessa forma, além de refletir sobre o que foi lido, estarão exercendo uma das mais importantes lições de cidadania: a convivência, o respeito às ideias alheias.

3.

Como finalização do debate – que não precisa necessariamente acabar no mesmo dia –, o professor pode propor que a turma escreva um “Manifesto de pequenas ações cidadãs”, com itens (cerca de dez) que prezem pelo respeito e pela boa convivência dentro da escola. Com a ajuda do professor de artes, os alunos podem pensar em uma *forma* para o manifesto e decidir qual o meio mais eficaz para que mais pessoas tenham acesso a ele. Pode ser tanto um grande cartaz – que ficaria em destaque na sala de aula ou, se possível, em algum espaço de uso comum da escola toda – ou pequenos postais (feitos em cartolina colorida) a serem distribuídos para alunos, professores, funcionários e a comunidade da escola.

4.

Pode-se propor uma atividade ampla que envolva toda a turma sobre o passado e o presente da cultura negra no Brasil. Os alunos podem se dividir em grupos para pesquisar sobre comunidades quilombolas e sobre manifestações da cultura negra tradicionais e contemporâneas. As pesquisas podem resultar em exposições de artes plásticas a partir das referências estudadas, com releituras feitas pelos próprios alunos; em apresentações musicais, também realizadas pelos próprios alunos; em uma festa para a comunidade da escola, em que se ofereçam comidas de origem africana e brasileira, ultrapassando as fronteiras da sala de aula.

Ficam, aqui, algumas referências de sites, documentários e livros que transitam por história e cultura negras no Brasil:

- 1) www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola (Mapeamento e história das comunidades quilombolas no Brasil.)
- 2) www.barca.com.br (Gravações sonoras e documentários sobre manifestações de festas e músicas ao redor do Brasil.)
- 3) www.pedradamemoria.maraca.art.br (Projeto que reúne livro, exposição de artes e fotografia, e um documentário sobre a relação entre São Luís do Maranhão, no nordeste do Brasil, e Benin, na costa da África. O documentário está disponível em: <https://vimeo.com/56037980> e pode, por exemplo, ser assistido durante a aula, com a turma.)
- 4) Uma ótima referência bibliográfica, que traz um arco histórico e possibilidades de inserções pedagógicas no tema, é o livro *Rap e educação, rap é educação*, de Elaine Nunes de Andrade (Selo Negro, 1999).

Sugestão de trabalho em sala de aula com a obra literária *Martin e Rosa*, em atividade que agregue outras áreas e disciplinas para além da língua portuguesa

Esta atividade interdisciplinar envolve as áreas de língua portuguesa, história e artes plásticas, e remonta a um período histórico em que muitos direitos civis estiveram em risco: a Guerra Civil Espanhola. Destaca, também, uma reação artística que respondeu a ela, sem armas de fogo, mas com a contundência das verdadeiras obras de arte: o mural *Guernica* (1937) do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973).

O professor pode apresentar aos alunos os detalhes que envolvem a produção desse mural (em acervo permanente do museu Reina Sofia, em Madri, Espanha) e descrever como, com a força de sua representação, tal obra tornou-se um testemunho vivo da violência e do fascismo: ao mesmo tempo o atestado do horror e da necessidade, urgente, da paz.

No site do museu Reina Sofia (www.museoreinasofia.es) há uma parte dedicada à historiografia do mural de Pablo Picasso, na qual encontram-se fotos e informações sobre o contexto social de produção da obra. Com recursos gráficos interessantes, é um rico material para ser compartilhado com a turma durante as aulas. Está disponível no seguinte endereço: <http://www.museoreinasofia.es/coleccion/obra/guernica>.

Assim como as manifestações pacíficas de Martin Luther King e Rosa Parks, *Guernica* coloca a arte – e não as armas de fogo – como potência aliada na luta contra a opressão. A ideia da atividade, portanto, é retomar os ensinamentos da luta de Martin e Rosa e representá-los artisticamente, como fez o pintor Pablo Picasso.

Com a ajuda do professor de artes plásticas, a turma pode se unir em uma atividade coletiva (e o fato de a atividade ser coletiva, como tantas outras propostas neste manual, tem sua razão de ser: a conquista de um espaço físico e de comportamentos cidadãos divididos por todos) e pintar (desenhar, escrever, grafitar...) um grande mural contra a opressão racial que, durante sua confecção e ao ser finalizado, possa ficar em exposição em uma área de convivência da escola.